

DIÁLOGOS ENTRE PARES: em pauta gênero e sexualidades nas aulas de Educação Física escolar

PEER DIALOGUES: Gender and Sexualities in Physical Education Classes at School

Ellen Aniszewski¹

Gabriela Simões²

Joyce Alves da Silva³

RESUMO: Objetivou-se analisar os desafios e as condições que possibilitam o desenvolvimento da EFE pontuadas por cursistas, considerando a diversidade de gênero e sexualidades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo. Apresenta dados referentes ao Curso “Gênero e Sexualidades na Educação Física Escolar”, promovido na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O recorte trata do diálogo entre 21 participantes. Os dados foram tratados mediante Técnica de Análise de Conteúdo. Evidenciou-se a quebra de preconceito e estereótipos, a diferenciação de habilidades e práticas por gênero e lacunas na formação profissional como principais desafios. A organização de aulas mistas, com regras e experimentações envolvendo a participação de todos(as), bem como a necessidade de diálogo constante foram as possibilidades mencionadas. Acredita-se que as aulas de EFE se constituem como rico contexto para reflexões e debates acerca das questões aqui apresentadas.

Palavras-chave: Escola. Universidade. Formação Profissional. Docência. Ação Extensionista.

ABSTRACT: The objective is to analyze the challenges and conditions that enable the development of Physical Education (PE) as highlighted by the course participants, considering the diversity of gender and sexualities. This is a qualitative, descriptive study. It presents data related to the course “Gender and Sexualities in Physical Education in Schools”, promoted at the Federal Rural University of Rio de Janeiro. The excerpt deals with the dialogue between 21 participants. The data were processed using the Content Analysis Technique. The main challenges highlighted were the breaking of prejudice/stereotypes, the differentiation of skills/practices by gender, and gaps in professional training. The organization of mixed classes, with rules and experiments involving the participation of all, as well as the need for constant dialogue were the possibilities mentioned. It is believed that PE classes constitute a rich context for reflections and debates on the issues presented here.

Keywords: School. University. Professional Training. Teaching. Extension Action.

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Coordenadora e Docente do Curso de Educação Física na Universidade Estácio de Sá (UNESA/RJ). E-mail: ellanisbr@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9327-3969>

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista CAPES. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa em Pedagogia de Educação Física e Esporte (GPPEFE/UFRRJ). E-mail: gabssimoes9@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1041-340X>

³ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM e PPGEduc/UFRRJ). Líder do Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades (LEGESEX/UFRRJ). E-mail: ufrjoyce@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7809-5164>

INTRODUÇÃO

Por volta da segunda metade do século XX, pesquisas de diversas áreas passaram a empregar o conceito de gênero em detrimento do de sexo, configurando uma ruptura significativa no campo científico. Reconhecer o gênero implica compreender a igualdade entre homens e mulheres de forma ampla, englobando direitos políticos, sociais, familiares, econômicos, trabalhistas, entre outros, ao invés de limitar-se às diferenças anatômicas. Diferentemente do sexo, que é determinado biologicamente, o gênero se constrói dentro do contexto histórico, social e político, engendrado de aprendizagens e experiências de vida resultantes das relações interpessoais (Praun, 2011). Apesar dos avanços teóricos e práticos, ainda enfrentamos uma era marcada por vulnerabilidades, desigualdades e ataques ao conceito de gênero. Nesse sentido, Unterhalter (2025) traça o desenvolvimento cumulativo e coletivo do conhecimento sobre mulheres, gênero, sexo, sexualidade e interseccionalidade, abrangendo sete décadas de pesquisa em educação internacional e comparada. No campo da educação, os anos de 2024 e 2025 representaram momento de intensa preocupação, com desafios advindos tanto de agendas políticas quanto de críticas acadêmicas em diferentes países, como alerta a autora.

Portanto, a igualdade de gênero continua sendo um dos “assuntos inacabados do nosso tempo” (Nações Unidas, c2026). No contexto brasileiro, seja na educação básica - educação infantil (Novaes *et al.*, 2026), ensino fundamental (Sousa; Santos; Cardoso, 2025), ensino médio (Guedes; Ribeiro; Brisola, 2025) - ou no ensino superior (Clemente-Salles, 2026), estudos recentes indicam a necessidade de políticas educacionais que promovam o debate de gênero e sexualidade, sobretudo para enfrentar estigmas e preconceitos persistentes tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. Nessa direção, para a construção de uma sociedade justa, igualitária e democrática são primordiais as abordagens sobre gênero e sexualidades. Na educação escolar, seja na educação básica ou superior, este é um debate essencial, sobretudo considerando seu potencial de promover compreensão aprofundada, assim como ampliação de possibilidades de formação e atuação profissional sobre tais temáticas. Nessa seara, entende-se que a Educação Física Escolar (EFE) é um componente curricular obrigatório que pode contribuir de maneira profícua nesse sentido (Sabatel *et al.*, 2016; Sousa; Coffani, 2025), pois caracteriza-se como espaço educativo em

que os corpos - imbuídos de processos históricos, sociais e culturais - estão em evidência e, não obstante, relacionam-se com a construção de gênero e sexualidades.

Na docência, para romper paradigmas, discursos e práxis pedagógicas sexistas, baseadas em padrões hegemônicos, aponta-se a formação profissional de qualidade (inicial e continuada) como essencial e necessária (Sabatel *et al.*, 2016; Souza; Sousa, 2023; Feitosa, 2024). Contudo, estudos indicam que essas discussões ainda são escassas e, por vezes, silenciadas na formação profissional. À exemplo, Araújo e Devede (2019) analisaram como as temáticas de “gênero” e “sexualidades” estão sendo abordadas em cursos de Licenciatura em Educação Física. Das quatro Instituições de Ensino Superior públicas do Rio de Janeiro analisadas, apenas quatro disciplinas (0,85%) foram identificadas após análise de 467 ementas. Com base nos achados, concluíram que as referidas temáticas ainda são marginalizadas na formação superior em Educação Física. Na mesma direção, no contexto do Curso de Educação Física de uma Instituição de Ensino Superior pública de Mato Grosso do Sul, a pesquisa de Souza e Sousa (2023) corrobora os achados encontrados por Araújo e Devede (2019). Na análise de ementas das disciplinas, das 3.481 horas do curso de Licenciatura e 3.274 horas do curso de Bacharelado em Educação Física, apenas 136 horas (2 disciplinas) tangenciam discussões sobre gênero e sexualidade. Assim, a autoria indicou ausência de centralidade e de espaço e, por sua vez, silenciamento das discussões sobre gênero e sexualidade na formação profissional inicial.

Não obstante, a análise das percepções de graduandos em Educação Física sobre as temáticas “gênero” e “sexualidade” realizada por Vasconcelos e Ferreira (2020) indicou certo contato, seja na educação básica e/ou na graduação, no entanto com apontamento de fragilidades conceituais e ausência de articulações ao longo do curso. Entende-se que essas ausências formativas corroboram para o despreparo profissional frente a preconceitos, estereótipos e práticas excludentes na escola e na EFE (Araújo; Devede, 2019), os quais, inclusive, tendem a persistir nas aulas do referido componente curricular (Santana Junior; Lima, 2024). Nessa seara, observa-se a escassez de debates sobre questões de gênero e sexualidades na formação inicial, sendo a formação continuada entendida como aliada na construção da identidade de professores(as) críticos(as), reflexivos(as) e autônomos(as). Assim, indica-se que ainda precisam ser ampliadas formações continuadas nesse sentido, de forma que resultem no desenvolvimento de práticas educativas inclusivas no que tange as questões de gênero e sexualidades (Feitosa, 2024). Nesse sentido, esse estudo teve como

objetivo analisar os principais desafios e as condições que possibilitam o desenvolvimento da EFE pontuadas por cursistas, considerando a diversidade de gênero e sexualidades.

1. METODOLOGIA: Modelo de pesquisa

Caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de caráter descritivo (Gil, 2008). Apresenta dados referentes ao Curso intitulado “Gênero e Sexualidades na Educação Física Escolar”, promovido na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) entre os meses de setembro e outubro de 2021. A referida ação extensionista foi cadastrada e aprovada na Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT-UFRRJ) sob o código CRO79-2021 e contou com Financiamento Interno mediante Edital para Cursos Institucionais de Extensão (EEXT/PROEXT/2021/I).

1.1 LÓCUS DE PESQUISA: curso, organização e participantes

Caracterizou-se como um curso de 40 horas, *on-line*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Joyce Alves da Silva. Perspectivou-se público interno - estudantes de graduação (pedagogia ou EF) ou pós-graduação (educação ou EF) da UFRRJ e externo – professores(as) de Educação Física da rede pública de ensino. Contou com 37 pessoas envolvidas na organização, em suas variadas funções: coordenação (n=1), organização (n=5), apoio técnico acadêmico (n=1), monitoria/tutoria (n=17), ministrante de atividades (n=4) e palestrante (n=9). Conforme descrito em sua proposta, os objetivos traçados para o curso foram: (i) compreender as questões de gênero como campo de conhecimento na EFE e a disputa política que possibilita a reflexão sobre corpo, sexualidades, raça e classe na escola; (ii) analisar a construção histórica deste processo cultural sexista reproduzido na quadra; (iii) refletir sobre os desafios, a inserção e a expressão da sexualidade e das questões de gênero no contexto da escolarização brasileira, buscando possíveis modos de intervenção e práticas pedagógicas a partir da EFE. Para isso, o curso foi organizado em cinco módulos (*YouTube* via LEGESEX-UFRRJ) e seus respectivos fóruns (*WhatsApp*), conforme ilustra-se no Quadro 1.

Quadro 1. Organização do Curso “Gênero e Sexualidades na Educação Física Escolar”

Módulos e palestrantes		Fórum (comando norteador)
1	Gênero, Sexualidades e Educação Física ⁴ Márcio Caetano (UFPel) Leandro Teófilo (UFRJ)	Escolha uma competência/habilidade no componente curricular da Educação Física e apresente como é possível trabalhá-lo. Sinalize o ano de escolaridade a qual a atividade se direciona.
2	Gênero e Sexualidades na BNCC: desafios e as possibilidades na quadra ⁵ Rosa Malena de Araújo Carvalho (IEAR/UFF) Ivan Amaro (FEBF/UERJ)	Considerando as falas das palestrantes no último encontro, quais foram as provocações/questões que fizeram relações com as suas intervenções pedagógicas? Exemplifique com alguma(s) experiência(s) do seu cotidiano escolar.
3	Educação Física, Raça, Gênero e Sexualidade: estereótipos, estigmas e preconceitos ⁶ Luciano Nascimento Corsino (IFRS) Letícia Carolina Pereira do Nascimento (UFPI)	Considerando-se as particularidades dos(as) estudantes, o espaço escolar é plural e, ao mesmo tempo, singular. Então, como pensar em práticas pedagógicas na Educação Física que promovam o respeito à corporalidade e acolham/compreendam as diferenças? Ilustre com experiências e/ou ideias.
4	Gênero e Sexualidade na formação inicial e continuada do educador físico ⁷ Ramon Mendes da Costa Magalhães (UEMG/PPGEduc-UFRJ) Andrey Monteiro Borges (FURB/PPGSC-UFSC)	Você acredita que exista ou não um favorecimento e/ou desfavorecimento do time que possui uma pessoa trans em sua equipe? Por quê? E o que essa conquista das pessoas trans no alto rendimento pode implicar nas aulas de Educação Física escolar?
5	Educação Física escolar: corpos e sexualidades em movimento ⁸ Marcelo Victor da Rosa (UFMS) Esmael Alves de Oliveira (UFGD)	O que cada um de vocês leva dessa experiência que, oficialmente, começou no dia 01/09/2021? O que vocês vão levar para seu dia a dia e/ou para a sua prática profissional? Para suas relações sociais? É possível fazer do espaço escolar um lugar acolhedor, democrático e inclusivo?

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025), com base no projeto submetido à PROEXT/UFRRJ.

A ação extensionista contou com 194 cursistas, estudantes da UFRRJ e professores(as) de EFE da rede pública de ensino, divididos(as) em cinco turmas.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=taA13criad4>

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WxZjbCCiQuU>

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VdXbjFog1W4>

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gM235ImRTjQ>

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CmCZlw7Svas>

1.2. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Trata-se de um recorte dos dados obtidos a partir da realização do curso. Nesse texto, em sintonia com o objetivo, foram analisados os diálogos da Turma 3 no fórum do 1º módulo (Quadro 1). Estavam inscritas 37 pessoas na turma, com participação de 21 nesse momento. As 21 pessoas participantes informaram residir em distintos Estados do Brasil, a saber: Rio de Janeiro (n=9), São Paulo (n=6), Minas Gerais (n=1), Mato Grosso do Sul (n=1), Ceará (n=1), Santa Catarina (n=1), Paraná (n=1) e Pará (n=1). Em comum, todos(as) indicaram vinculação com a educação básica. Os dados foram tratados mediante Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), considerando as categorias “desafios” e “possibilidades” traçadas *a priori*. Para constituição das categorias levou -se em consideração o desenvolvimento da EFE pensando na diversidade de gênero e sexualidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os principais desafios mencionados envolveram a quebra de preconceito e estereótipos, a diferenciação de habilidades e práticas por gênero e a lacuna sobre a temática na formação profissional. No que se refere à quebra de preconceitos e estereótipos, percebeu-se nos relatos dos(as) professores(as) o reconhecimento da necessidade de desconstrução das ideias dos papéis de gênero enraizadas na sociedade que se reproduzem no ambiente escolar.

Sabemos que as alunas e os alunos chegam na escola carregadxs de preconceitos. Já trazem de casa, da igreja, da convivência entre amigxs da rua, e por aí vai, porém temos um outro ponto muito crítico que também temos que lidar, os próprios professores e professoras. (Théo, L. 310-312). Elas já chegam na escola com um pensamento de isso é pra menina e aquilo outro é de menino. E muitas vezes isso vem de casa, cabe a nós como professores quebrar certos tabus e por muitas vezes nem os pais percebem como seu comportamento reflete no filho. (Debby, L. 324-326).

O relato de uma professora demonstra como as tarefas domésticas culturalmente definidas por gênero interferiram inclusive na organização da aula de EFE.

Não costumo dividir minhas turmas mais um dia numa aula pela parte da manhã que sempre era contra turno as meninas se organizaram e pediram para que eu colocasse as aulas delas na primeira aula porque eles precisavam

voltar para casa para fazer as coisas em casa, cuidar dos irmãos cozinhar e aí eu tive que reunir com a coordenação a princípio eu separei por gênero, porém não costumo fazer essa separação, mas teve esse ponto em que as meninas insistiram em ter as primeiras aulas por conta dos afazeres domésticos. (Tati, L. 357-362).

O excerto evidencia a complexidade dos cenários que se apresentam no ambiente escolar e ressalta a necessidade de ampliação do debate sobre gênero para além das questões específicas da EFE, bem como o alinhamento das estratégias pedagógicas para atenuar ou, minimamente, não reforçar estereótipos e papéis de gênero ao normalizar que as aulas da disciplina sejam divididas por sexo e que a ordem da aula atenda às demandas que normalizam atribuição de funções por gênero. Embora os(as) professores(as) reconheçam, de modo recorrente, a necessidade de desconstrução de preconceitos e estereótipos de gênero no ambiente escolar, seus relatos revelam contradições que tensionam essa intenção. É notório que estes(as) se colocam como agentes responsáveis pela quebra de tabus, no entanto, relatos apresentam práticas que acabam por naturalizar ou legitimar desigualdades de gênero. Um exemplo disso é a reorganização das aulas de EFE em função dos afazeres domésticos atribuídos às meninas. Nesse sentido, a prática pedagógica, embora sensível às condições das alunas, pode validar papéis de gênero historicamente desiguais ao invés de problematizá-los de forma crítica no espaço escolar.

A escola desempenha papel fundamental na formação humana, sendo local de aquisição e compartilhamento de valores morais e culturais (Santana Junior; Lima, 2024), mas precisa se apropriar efetivamente de sua característica de ambiente propício para reflexão desses valores sob viés de justiça e inclusão com vistas à (re)edificação de uma educação que esteja voltada para formação de pessoas capazes de analisar criticamente as questões de gênero e intervir nas relações sociais estabelecidas a partir da mudança de comportamento (Alverne; Maldonado, 2024). Outro desafio identificado a partir da análise dos relatos de participantes do fórum é a diferenciação de habilidades e práticas por gênero. As falas dos(as) professores(as) reportam situações que, embora conversem com papéis de gênero abordados anteriormente, se referem a conteúdos específicos da EFE.

Eu trabalho numa escola particular desde 2001 quando me formei, e pego as turmas do infantil até o ensino médio. Tenho a oportunidade de acompanhar o crescimento dessas crianças. Numa aula do pré 2, uma aula livre. As

crianças estavam brincando livremente, escolhendo os materiais. Lembro muito bem que uma menina queria brincar de bola com os meninos, e os meninos não deixavam. Gritei "Reunião", as crianças se aproximaram e comecei a conversar. Explicando que podemos brincar, jogar e dançar. Falei que menina pode jogar futebol, falei que meninos podem dançar. Eu sou grande, os alunos olham para cima para falar comigo, rs. Nesse dia eu contei uma mentira, falei para eles que eu fazia *ballet* (eu nunca fiz *ballet*). Expliquei que não tinha problema da a menina jogar futebol. O importante era a turma brincar e se divertir, sem rotular as brincadeiras. (Leo, L. 513-523).

No excerto acima, o professor relata situação de separação de prática por gênero promovida pelos(as) próprios(as) estudantes da Educação Infantil, em que decide intervir criando o exemplo de que seria praticante de uma modalidade culturalmente rotulada como feminina, criando espaço de reflexão. O relato de situação de aula da professora Mandy reforça a presença marcante da diferenciação de habilidades e práticas na perspectiva de estudantes de uma escola no interior de São Paulo.

Fui trabalhar o conteúdo de danças de salão com Fund II (8º e 9º anos). Como sou da dança acaba sendo uma prática que me sinto bem a vontade de abordar, porém já imaginava muita resistência das turmas, ainda mais dos meninos. Inicialmente apresentei fotos com vários corpos, poses, movimentos, duplas de dançarinos profissionais e etc e pedi que eles dissessem com poucas palavras as impressões que eles tinham ao olhar as fotos. Resultado: homens gays, mulheres com roupas sexys/vulgares, e expressões relacionadas. Bom, apresentei o contexto histórico da prática e fomos discutindo como isso foi mudando e o que a dança de salão representa hoje. Era muito forte pra eles os conceitos "dama e cavalheiro", cavalheiro HOMEM conduz e dama MULHER segue e aceita o que ele propõe. Bom, depois de algumas aulas discutindo, apresentando novas perspectivas e mais EXPERIMENTANDO em duplas com as pessoas que se sentiam mais à vontade - não em casais H + M - TODOS aprendiam a conduzir e serem "conduzidos". Foi bem difícil no começo, mas vi um pequeno-grande avanço e espaço para discussões do tema. (Mandy, L. 571-587).

Os exemplos demonstram preocupação dos(as) professores(as) em propor atividades que suscitem por si só debates sobre gênero e ainda o olhar atento para intervir em situações estratégicas estimulando reflexões e debates acerca da temática. Santana Junior e Lima (2024) afirmam que a ausência do ensino sobre sexualidade, corpo e questões de gênero pautado sob ideais justos e inclusivos pode reforçar a ideia de que apenas a heteronormatividade e suas características difundidas pelo senso comum é aceitável. Algo interessante nos relatos remonta a duas situações analiticamente relevantes: (1) a forma como a utilização de uma narrativa fictícia (*ballet*) pode, paradoxalmente, reforçar a ideia

de que a validação de práticas consideradas “não normativas” depende de uma autorização simbólica do adulto ou da exceção, em detrimento da legitimidade dessas experiências em si mesmas; e (2) o reconhecimento prévio da lógica heteronormativa e/ou da expectativa de resistência masculina (dança de salão) evidenciam como tais estereótipos operam como referenciais antecipatórios no imaginário docente e discente. Nesses contextos, as práticas revelam o quanto a desconstrução de normas de gênero é um processo gradual, atravessado por limites, tensões e negociações permanentes.

Em paralelo com os desafios relatados, estudos recentes indicam que a discriminação e o preconceito ainda estão presentes e, não raro, persistem nas aulas de EFE (Santana Junior; Lima, 2024; Sousa; Coffani, 2025). Esse cenário é refletido, por exemplo, na diferenciação de habilidades/práticas por gênero. Sobre isso, Aniszewski e Henrique (2023) e Silva (2023) encontraram em seus estudos que, em diferentes contextos, o desenvolvimento das aulas de EFE ainda aconteciam com divisão por gênero o que, consequentemente, reforçava a diferenciação de habilidades/práticas. A lacuna na abordagem da temática na formação acadêmica e profissional constitui desafio na perspectiva dos(as) professores(as) participantes da pesquisa, o que é explicitado nos excertos a seguir.

Existem lacunas desde a formação inicial até formação continuada. (Théo, L. 346).

No meu processo de formação inicial também não foi abordado temas sobre gênero e sexualidades. Busquei compreender melhor na formação continuada. (Jone, L. 555-557).

No meu processo de formação inicial também não foi abordado temas sobre gênero e sexualidades. Busquei compreender melhor na formação continuada e junto com a minha militância feminista e LGBTQIA+ me propus a estudar sobre no mestrado. Como egressa voltei a universidade em que me formei e dei feedbacks, que foram bem recebidos. Hoje sou chamada para fazer participações na disciplina de Diversidade e Inclusão. Muito provavelmente nós seremos o início da mudança que gostaríamos de ter vivenciado em nosso processo formativo. (Maya, L. 569-577).

E o mais incrível é que eu só ouvi falar sobre gênero e sexualidade na faculdade, na escola seja fundamental ou médio nunca tinha tomado ciência, nunca tinha discutido sobre esse tema. Sou lesbica assumida desde os 13 anos e sempre sofri LGBTfobia na escola, no Ensino Fundamental e Médio talvez tenha reduzido mais quando eu comecei a praticar esportes e comecei a jogar pelo time da escola e pelo time da cidade, foi aí que me encontrei com a educação física. (Taty, L. 582-594).

Os excertos evidenciam nenhum ou escasso o contato com a temática gênero e sexualidades ao longo da formação, indo ao encontro das afirmações de Vasconcelos e

Ferreira (2020), ressaltando a importância da inclusão destes debates na formação inicial em EFE, bem como a importância da formação continuada como estratégia de reflexão e aprofundamento que podem desdobrar em práticas docentes mais assertivas no desenvolvimento de pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Quando analisamos os fóruns buscando identificar as possibilidades elencadas pelos(as) participantes para trabalhar a temática gênero e sexualidade nas aulas de EFE, a organização de aulas mistas predominou como possibilidade, com regras e experimentações envolvendo a participação de todos(as), assim como a necessidade de diálogo constante. Alguns relatos abaixo ilustram:

Não basta misturar meninos e meninas. Todas e todos tem que jogar. (Hugo, L. 194-195).

É de extrema importância fazer as turmas mistas, desde os anos iniciais. [...] Então além da gente trabalhar a questão do respeito, da disciplina, da cooperação, a solidariedade e muitas outras coisas, com atividade mista a gente consegue ter a igualdade né? (Jone, L. 230-233).

Sempre deixei bem claro para as turmas, seja Fund. II ou E. Médio, que os times deveriam ser mistos, seja para qual esporte ou atividade praticada em aula. (Thamy, L. 290-291).

Temos que colocar a equipe mista e incluir regras para que todos possam jogar. Se não colocar regras as meninas vão ficar correndo pra lá e pra cá em nem tocam na bola. (Vanessa, L. 383-384).

Analisando a literatura da área, observa-se que a organização da EFE em aulas mistas como possibilidade frente à diversidade de gênero e sexualidades não é algo novo, com distintas indicações na última década (Mattos, 2014; Vieira; Moraes; Oliveira, 2024), por exemplo. Nos relatos, é notório que os(as) professores(as) superam o entendimento de que apenas desenvolver as aulas de EFE com todos(as) juntos(as) promoverá oportunidades justas e igualitárias. A análise da organização de aulas mistas, embora reconhecida como estratégia de inclusão, apresenta contradições. Nos relatos, professores(as) reiteram que simplesmente reunir meninos e meninas não garante igualdade, contudo algumas soluções propostas, ainda que necessárias, podem reforçar estereótipos de fragilidade e/ou menor habilidade associada ao feminino (ex.: a necessidade de regras adicionais para que meninas toquem na bola). Assim, a promoção de equidade requer mediação intencional, experimentação e diálogos constantes, de modo que as aulas mistas se configurem como espaços de reflexão crítica e construção de valores inclusivos. Os(as) professores(as)

também entendem que além da organização mista, são essenciais diálogos, experimentações e adaptações para a participação efetiva de todos(as).

Na minha turma de ensino médio, quando vou trabalhar futsal. Utilizo a turma mista. Meninos e meninas em ambos os times. Faço modificações nas regras para que as meninas também possam fazer gols e jogar. Se não fica uma integração e inclusão que é bom mesmo, não acontece. Não basta misturar meninos e meninas. Todas e todos tem que jogar. Então, faço jogo dos 10 passes. Tem que todos passar pela bola até fazer o chute para o gol. (Ericka, L. 289-273).

É de extrema importância fazer as turmas mistas, desde os anos iniciais. No esporte principalmente onde nós trazemos valores que vão além da quadra. A gente vem trabalhando o desenvolvimento pessoal e a construção de valores. Então, além da gente trabalhar a questão do respeito, da disciplina, da cooperação, a solidariedade e muitas outras coisas, com atividade mista a gente consegue ter a igualdade né? A percepção de que independente de cor, gênero, deficiência, seja lá o que for, todos são iguais e passam por situações iguais, e tem os mesmos direitos. Não deveria ser diferente fora de uma quadra. (Maya, L. 289-297).

Contudo, cabe referir que estudos indicam que existem contradições e tensões da dinâmica organizacional das aulas mistas. Por exemplo, Altmann, Ayoub e Amaral (2011), em pesquisa com 23 professores, identificaram conflitos tanto aparentes quanto velados. Alguns desses conflitos eram tratados como objetos de intervenção docente, enquanto outros eram evitados, especialmente quando se tratava de atividades com conteúdos específicos. Esses achados revelam que a simples mistura de gêneros na aula não garante igualdade, sendo necessário um trabalho pedagógico intencional para que todos(as) participem plenamente e interajam de maneira equitativa. Como destacam Vieira, Moraes e Oliveira (2024), as aulas mistas não devem se limitar à oferta das mesmas atividades para meninos e meninas, pois tal abordagem reproduz uma dicotomia de gênero implícita. É preciso considerar as tensões e conflitos decorrentes das interações de gênero, intervindo de forma crítica para problematizar desigualdades, discriminações, estereótipos e preconceitos, que frequentemente reforçam a heteronormatividade.

Nesse sentido, a coeducação se configura como uma prática pedagógica que vai além da mera coexistência dos gêneros na sala de aula, buscando igualdade de oportunidades, participação ativa e desconstrução de normas rígidas de gênero. Para tanto, a mediação docente é essencial para criar um ambiente inclusivo e equitativo, capaz de tensionar e transformar o caráter normativo tradicional das aulas mistas. As percepções e práticas

dos(as) professores(as) indicam que a abordagem de gênero e sexualidades nas aulas de EFE se apresenta como uma condição possível de desenvolvimento crítico, desde que haja mediações intencionais e um ambiente institucional que favoreça reflexões inclusivas. Os discursos analisados relevam que esse campo é atravessado por tensões e contradições. Essa análise evidencia que, para avançar na superação de dominação, preconceito e discriminação, é necessário considerar os limites, recursos e estratégias pedagógicas disponíveis, bem como as tensões presentes nas interações em sala de aula, configurando as condições que permitem ou dificultam a efetivação de uma prática pedagógica crítica e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar os principais desafios e as condições que possibilitam o desenvolvimento da EFE pontuadas por cursistas, considerando a diversidade de gênero e sexualidades. Para isso, foram analisados os diálogos entre pares em módulo e fórum *on-line* no Curso “Gênero e Sexualidades na Educação Física Escolar”. A análise dos diálogos entre cursistas indicou que a quebra de preconceito e estereótipos, a diferenciação de habilidades e práticas por gênero e a lacuna sobre a temática na formação profissional configuram tanto desafios quanto condições de possibilidade para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas na EFE. Para avançar, os(as) cursistas indicaram que a organização de aulas mistas com regras, estratégias participativas e diálogo constante podem criar condições favoráveis para a prática pedagógica crítica e inclusiva.

Os achados contribuem para a reflexão e reconhecimento da escola como importante espaço formativo em busca de uma sociedade justa, igualitária e democrática. Especificamente nas aulas de EFE, neste ambiente em que os corpos estão em evidência, são latentes as questões de gênero e sexualidades, reforçando seu rico contexto para reflexões e debates no que tange as questões aqui apresentadas. Para tematizar, debater e promover construções profícuas com os(as) aprendizes - enquanto críticos(as) e pensantes sobre a sociedade em que vivem -, importa reforçar a urgência de abordagens sobre essas temáticas na formação profissional, tanto inicial quanto continuada. Nessa direção, entende-se que a formação permanente constitui uma condição necessária para a efetivação de práticas pedagógicas críticas e inclusivas, especialmente se acompanhadas de políticas públicas que

incentivem debates sobre gênero e sexualidades na formação de professores(as). Assim, caminha-se rumo a uma prática pedagógica sensível e inclusiva, capaz de romper com discursos sexistas, padrões hegemônicos, preconceitos e discriminações, fortalecendo a equidade na escola e na sociedade.

O curso analisado revela-se promotor de debates emergentes e urgentes, mobilizando professores(as), em atuação e em formação, a refletirem e dialogarem criticamente sobre tensões sociais que se refletem na escola e, especificamente, na EFE. Diante disso, surge a seguinte pergunta problematizadora para futuras pesquisas: “Como garantir que o desenvolvimento da EFE transforme práticas pedagógicas e realmente desafie normas rígidas de gênero, em vez de apenas reproduzir padrões tradicionais de masculinidade e feminilidade?”.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. GÊNERO NA PRÁTICA DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?

Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491-501, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200012>. Acesso em: 24 jan. 2026.

ALVERNE, A. L. N. M.; MALDONADO, D. T. Evidências em experiências político-pedagógicas de professores(as) de Educação Física escolar no tensionamento das temáticas de gênero e sexualidade. Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 9, e2405, jan./dez. 2024. Disponível em:

<https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisaescolar/article/view/4008>.

Acesso em: 18 jan. 2025.

ANISZEWSKI, E.; HENRIQUE, J. Relação entre a satisfação da competência, autonomia e vínculos sociais e o desinteresse pelas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental.

Educação em Revista, v. 39, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/NhZZjvH3KB3ghLF8dj3KSBJ/>. Acesso em: 16 jan. 2025.

ARAÚJO, A. B. C.; DEVIDE, F. P. “Gênero” e “Sexualidade” na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de Licenciatura das Instituições de Ensino Superior públicas

do Rio de Janeiro. Arquivos em Movimento, v. 15, n. 1, p. 25-41, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/21840>. Acesso em: 16 jan. 2025.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

CLEMENTE-SALLES, F. A. S. GÊNERO E RAÇA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA: um mapeamento sistemático do campo científico de produção de conhecimento. Revista Exitus, Santarém/PA, v. 16, e026006, p. 1-21, 2026.

Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/2853>.

Acesso em: 24 jan. 2026.

FEITOSA, R. C. FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE: discutindo as questões de gênero e sexualidade no Ensino Superior. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 7,

e15831,

2024.

Disponível

em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15831/13498>.

Acesso em: 16 jan. 2025.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GUEDES, A. B. A.; RIBEIRO, S. L. S.; BRISOLA, E. M. A. NOVO ENSINO MÉDIO E GÊNERO: disputas e desafios no contexto neoliberal. Revista ECCOM, v. 16, n. 31, p. 79-

93,

2025.

Disponível

em:

<http://revistas.unifatea.edu.br:8081/seer/index.php/eccom/article/view/678>. Acesso em:

24 jan. 2026.

MATTOS, M. Z. AULAS MISTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: tensões e contradições.

2014. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2014. Disponível em:

<https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3177>. Acesso em: 16 jan. 2025.

NAÇÕES UNIDAS. Igualdade de Gênero. 2026. Disponível em: <https://www.un.org/en/global-issues/gender-equality>. Acesso em: 24 jan. 2026.

NOVAES, M. O. et al. EDUCAÇÃO INFANTIL, GÊNERO E SEXUALIDADE: uma revisão crítica da literatura. Perspectivas em Diálogo, v. 13, n. 34, p. 366-379, 2026. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/23687>. Acesso em: 24 jan. 2026.

PRAUN, A. G. Sexualidade, Gênero e suas relações de poder. Revista Húmus, n. 1, p. 55-65, 2011. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641/1302>. Acesso em: 24 jan. 2026.

SABATEL, G. M. G. et al. GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: um balanço da produção de artigos científicos no período de 2004 a 2014 nas bases do Lilacs e SciELO. Pensar a Prática, Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar., 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/34159>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SANTANA JUNIOR, E. L. N. V.; LIMA, F. M. DESAFIOS INVISÍVEIS: explorando o preconceito sexual nas aulas de Educação Física. Research, Society and Development, v. 13, n. 5, 2024. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/45743>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SILVA, G. S. EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA SOB A PERSPECTIVA DE ALUNOS EGRESSOS: análise acerca de atitudes, competências, suporte social e aprendizagens. 2023. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, 2023.

SOUSA, M. M.; COFFANI, M. C. R. S. CORPO, EDUCAÇÃO E GÊNERO: tematizações possíveis nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental. Perspectivas em Diálogo, Naviraí, v. 12, n. 30, p. 51-67, jan./mar. 2025. Disponível em:

<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/20671/15035>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SOUSA, M. G. O.; SANTOS, J. L. R.; CARDOSO, S. P. Interseccionalidade entre igualdade de gênero, direito e educação no ensino fundamental II, em Marabá, Pará. Lumen et Virtus, São José dos Pinhais, v. XVI, n. XLVII, p. 3059-3078, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/4222>. Acesso em: 24 jan. 2026.

SOUZA, M. B.; SOUSA, S. N. PRODUÇÕES E SABERES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL: em discussão o Grupo PET Educação Física. Revista Diversidade e Educação, v. 11, n. 2, p. 158 -183, 2023. Disponível em: <https://furg.emnuvens.com.br/divedu/article/view/16119/10607>. Acesso em: 16 jan. 2025.

UNTERHALTER, E. CUMULATIVE, COLLECTIVE OR CONSERVATIVE? A review of seven decades of writing about women, gender, sex, sexuality and intersectionality in international and comparative education. International Review of Education, n.71, p. 835-858, 2025. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11159-025-10193-y>. Acesso em: 24 jan. 2026.

VASCONCELOS, C. M. T.; FERREIRA, L. A. A FORMAÇÃO DE FUTUR@S PROFESSOR@S DE EDUCAÇÃO FÍSICA: reflexões sobre Gênero e Sexualidade. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 36, e209700, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/nhzvnNmtMP7L6wYRcC4Dh8B/>. Acesso em: 16 jan. 2025.

VIEIRA, I. G.; MORAES, B. C. S. L.; OLIVEIRA, R. C. Percepção de gênero para professores de Educação Física. Sua influência no planejamento de aulas mistas. Lecturas: Educación Física y Deportes, v. 29, n. 313, p. 2-18, 2024. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/download/7478/2132>. Acesso em: 16 jan. 2025.